

O *KAIRÓS* DA ESCRITA E DO DISCURSO IMPROVISADO EM ALCIDAMANTE E ISÓCRATES

THE *KAIRÓS* OF WRITING AND EXTEMPORANEOUS SPEECH IN ALCIDAMAS
AND ISOCRATES

Diogo Quirim¹

RESUMO: Alcidamante, em *Sobre aqueles que escrevem discursos* ou *Sobre os sofistas*, realiza uma defesa dos discursos improvisados, enfatizando a sua capacidade de se adaptar às circunstâncias e ao auditório. Isócrates, por outro lado, em diversos textos, elogia os textos escritos e almeja, para eles, um estatuto artístico, digno de tratar temas de interesse público. Nesse artigo, analisarei a oralidade e a escrita nos textos dos dois autores, investigando se as suas propostas se referem, de fato, ao mesmo tema. Por fim, proponho que, em seus textos, as ideias de mobilidade e de *kairós* criam significados bastante dissonantes entre si que são incomensuráveis.

Palavras-chave: Alcidamante - Isócrates - *Kairós* - Oralidade – Escrita.

ABSTRACT: In *On those who write written speeches* or *On the Sophists*, Alcidas makes a defense of extemporaneous speeches, emphasizing their adaptation to circumstances and the audience. Isocrates, on the other hand, in several texts, praises the written texts and aims, for them, an artistic status, worthy of dealing with issues of public interest. In this paper, I will analyze the orality and writing in the texts of both authors, searching whether their proposals refer, in fact, to the same subject. Finally, I propose that, in their writings, the ideas of mobility and *kairós* create quite dissonant meanings which are incommensurable.

Keywords: Alcidas – Isocrates – *Kairós* – Orality - Writing.

INTRODUÇÃO

Se houve, na primeira metade do século IV a.C., uma querela entre os escritores de discursos e os defensores dos discursos improvisados, envolvendo, segundo os textos que nos

¹ Doutorando em História pelo PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientado pelo Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas. E-mail: diogoquirim@gmail.com.

restam, ao menos Isócrates, Platão e Alcidamante,² me pergunto e desenvolvo nesse artigo, mais amplamente, a questão: será que esses autores estão tratando do mesmo tema? E, se estiverem, será que a comparação entre o improvisado e a escrita por eles proposta não é incomensurável?³ A partir dessas perguntas, que ficarão em suspenso até o fim deste texto, apresento um pouco das opiniões das obras de Alcidamante e Isócrates e as minhas interpretações.

Em uma tentativa de responder a esses questionamentos, realizarei uma exposição sobre a defesa dos discursos improvisados em Alcidamante e as suas críticas aos textos escritos, e, do mesmo modo, abordarei o desenvolvimento de uma prosa artística, criada com paciência e esmero, que se dispõe a tratar de temas de interesse público em Isócrates. Compararei os textos dos dois autores, atentando não apenas para seus pontos de confluência, mas, principalmente, para as suas distintas concepções de mobilidade e adaptabilidade às circunstâncias do *lógos*, e, também, para como ambos constroem sentidos dissonantes para o termo *kairós*.

A ESCRITA DE ISÓCRATES E O IMPROVISO DE ALCIDAMANTE

Em *Sobre aqueles que escrevem discursos ou sobre os sofistas*, Alcidamante alega ser indispensável ao cidadão da *pólis* falar de improviso na assembleia, nos tribunais e nas reuniões privadas, que apresentam, de modo bastante imprevisível, ocasiões propícias para atuar.⁴ Essas ocasiões, pela sua fugacidade, requerem um atendimento rápido em meio aos debates, enquanto a escrita aperfeiçoa os seus textos lentamente e com tranquilidade.⁵ Para Alcidamante, o

² Marie-Pierre Noël, por exemplo, defende a tese de que o *Sobre aqueles que escrevem discursos* ou *Sobre os sofistas*, de Alcidamante, o *Fedro*, de Platão, e alguns textos de Isócrates, como *Evágoras* e a *Antídosis*, apresentam traços de uma querela entre esses autores na disputa por significar e determinar a importância da oralidade e da escrita na filosofia. Não tenho por objetivo, como Noël, reconstruir uma linearidade ou uma sucessão de textos publicados em meio a essa disputa. Também, não levo em consideração o *Fedro*, para delimitar a minha abordagem aos textos de Alcidamante e Isócrates e, especificamente, à questão do *kairós*. NOËL, Marie-Pierre. *Painting or writing speeches? Plato, Alcidas, and Isocrates on logography*. In: *New chapters in the history of rhetoric*. Editado por Laurent Pernot. Leiden: Brill, 2009.

³ Utilizo aqui o termo incomensurável no sentido de: será que os textos dos dois autores, Alcidamante e Isócrates, estão partindo dos mesmos pressupostos para abordar a questão da oralidade e da escrita? A hipótese que sugiro é que não. Se uma disputa realmente aconteceu no período — e muitos indícios apontam para isso — ou os textos dialogam entre si apenas por vontade do intérprete contemporâneo, é de segunda importância para os meus intuítos. No entanto, quando traçamos, entre eles, um diálogo, os significados das noções de *kairós* e de mobilidade do *lógos* são bastante diversos e não tratam da mesma questão.

⁴ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 9.

⁵ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 10.

processo de escrita exige menor formação, por ser de desenvolvimento muito mais fácil do que o improvisado, pois, nele, se dispõe de muito tempo, corrige-se calmamente, tomam-se modelos de escritos anteriores, reúnem-se argumentos de diversas partes sobre os assuntos, imitam-se boas expressões, ouvem-se conselhos e reflete-se sobre o resultado muitas vezes.⁶ Os discursos improvisados, contudo, são difíceis de serem realizados, o que os torna de maior valor, uma vez que, neles, é preciso habilidade com o raciocínio e com as palavras, assim como uma sensibilidade acerca das circunstâncias de sua elocução e dos desejos do auditório.⁷

O texto de Alcídamente soa como uma proposta de educação, um programa a ser seguido por aqueles que se interessarem em sua escola. Ao prezar pelos discursos improvisados e desvalorizar os escritos, assimila, para a sua *paideia*, uma característica distintiva, um diferencial para captar os seus alunos. A capacidade de improvisar é uma qualidade vinculada, sobretudo, aos espaços nos quais Alcídamente promete desenvoltura na atuação de seus alunos: as assembleias em que são discutidos acaloradamente temas políticos, as disputas nos tribunais e as reuniões em geral, em que se adequar ao imprevisível e às reações do auditório para conquistar o que se deseja é a prioridade. Alcídamente afirma que é difícil ou impossível antever o futuro para os humanos, de modo tal que o orador saiba a disposição dos ouvintes de antemão. O texto escrito, portanto, é inflexível, insensível ao auditório. A oratória improvisada, por outro lado, situa nas mãos do orador a capacidade de medir a dimensão dos discursos de acordo com as manifestações dos sentimentos, das emoções e da afetividade do público, seja abreviando partes extensas, seja ampliando as breves, na própria circunstância em que a fala se realiza.⁸ Curiosamente, o tema da imprevisibilidade do futuro também surge em Sócrates, embora, em vez de enfatizar a impossibilidade de antever as reações do auditório, Sócrates sublinhe o caráter precário das deliberações, em que decisões devem ser tomadas diante de um futuro incerto.⁹ Alcídamente pensa na impossibilidade da antevisão do futuro segundo o aspecto que lhe é mais caro: a adequação do *lógos* às circunstâncias em que ele é proferido, enquanto Sócrates, por sua vez, pensa a imprevisibilidade do futuro a partir da deliberação política.

No entanto, em *Sobre aqueles que escrevem discursos ou sobre os sofistas*, Alcídamente não despreza completamente qualquer utilidade dos textos escritos. Percebe, nos escritos, uma

⁶ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 4.

⁷ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas.*, 1-3.

⁸ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 23.

⁹ ISÓCRATES, *Contra os sofistas*, 2.

função de preservação, de permanência das ideias para a posteridade e de memória. Também através dos textos, os sinais de progresso do intelecto dos alunos poderiam ser percebidos, já que os improvisos são difíceis de recordar, principalmente os detalhes do que é pronunciado pelo orador. Os escritos, desta maneira, são elaborados para deixar uma memória (*mnēmeía*) nossa e para comprazer a nossa ambição — referindo-se, aqui, provavelmente a uma ambição e pretensão intelectuais.¹⁰

A proposta de ensino de Alcídamente, todavia, não visa a formar intelectuais que sejam distintos pela grandiosidade de suas obras ou pelo refinamento, acurácia e particularidade de suas ideias, mas desenvolver oradores capazes de persuadir em assembleias e tribunais, desenvolvos no improviso e com uma boa percepção das reações do auditório e das circunstâncias em que se discursa. Isócrates, por outro lado, afasta-se das querelas dos tribunais e de quaisquer discussões que tenham como foco apenas interesses privados. Na *Antídosis*, ao discorrer sobre os temas dos discursos que escreve e ensina, enfatiza que não é adequado que se tomem argumentos injustos ou de pouca importância, ou que se refira a questões privadas. Pelo contrário, sugere que seus alunos se dediquem a temas importantes e belos, que beneficiem a humanidade e tratem sobre assuntos de interesse público.¹¹ Em outro trecho do mesmo texto, declara Isócrates que os especialistas nos tribunais são considerados apenas nos dias dos julgamentos, mas discursos como os seus recebem a sua força da *philosophía*. E, sobre a própria *Antídosis*, ambiciona que o texto fique como uma lembrança para a posteridade de seu caráter, de sua vida e de sua *paideía*.¹² Ao confrontarmos as ideias de Isócrates e Alcídamente sobre os *lógoi*, percebemos uma tensão entre a ênfase no momento em que se discursa, para um, e uma ambição de permanência do texto e do pensamento, para outro.

Em diversos momentos da *Antídosis*, Isócrates detalha os procedimentos de composição dos seus textos. Relata que, ao receber a fictícia acusação de Lisímaco — a obra se trata de um julgamento fictício em que defende a sua *paideía* e os seus textos da acusação de corromper a juventude e tornar mais fortes os argumentos fracos —, debateu com os seus discípulos acerca da composição do texto, indicando ser isso, para ele, uma prática.¹³ O mesmo hábito é indicado

¹⁰ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 30-32.

¹¹ ISÓCRATES, *Antídosis*, 276-278.

¹² ISÓCRATES, *Antídosis*, 6-8.

¹³ ISÓCRATES, *Antídosis*, 141.

no *Areopagítico*¹⁴ e no *Panatenaico*.¹⁵ Em seguida, Isócrates descreve os conselhos que um amigo lhe dera sobre a composição da obra.¹⁶ No *Panatenaico*, inclusive, há a ocorrência de um diálogo, único na obra isocrática, em que Isócrates relata a conversa com um discípulo, que teria precedido a escrita do discurso, na qual Isócrates não estava seguro do resultado de seu trabalho e hesitava entre publicá-lo ou destruí-lo. Pede, então, aos seus alunos, que lhe aconselhem sobre o que deveria ser feito.¹⁷

Além do esmero demonstrado, inclusive em seus próprios textos, no processo criativo — subestimado por Alcídamente em relação ao improvisado —, a leitura de Isócrates nos faz perceber uma afeição especial pela escrita, peculiar de sua obra. Ainda sobre a *Antídosis*, afirma que escreveu um texto muito trabalhoso,¹⁸ e sublinha que a defesa nele situada não é de suas ações, mas de seus discursos passados, uma vez que foi acusado de escrever textos capazes de corromper a juventude e causar danos à *pólis*. Por isso, apresenta citações de seus textos antigos, para mostrar o seu conteúdo e tentar provar a sua inocência.¹⁹ Pede, também, paciência para as pessoas (do auditório fictício) que os leram várias vezes, levando a crer que as suas obras eram de ampla circulação e conhecimento público.²⁰ A existência de citações revela a potencialidade dos escritos explorada por Isócrates, talvez um dos casos mais antigos conhecidos nos textos filosóficos de intertextualidade dentro da obra de um mesmo autor, e a valorização da solidez e da perenidade deste suporte para a linguagem, impensável nos discursos improvisados. Em dissonância ainda mais intensa com os objetivos do improvisado de Alcídamente, Isócrates sugere que a leitura da *Antídosis* não seja realizada toda de uma vez, para que não se cansem os ouvintes, subentendendo que os seus textos eram propagados e lidos coletivamente, com intuito muito diverso da mobilização dos auditórios das assembleias e dos tribunais.

Em artigo já datado de praticamente um século, Van Hook apontava que, apesar das semelhanças existentes entre Alcídamente e Isócrates, como as suas escolas influentes, suas

¹⁴ ISÓCRATES, *Areopagítico*, 56.

¹⁵ ISÓCRATES, *Panatenaico*, 200-273.

¹⁶ ISÓCRATES, *Antídosis*, 141-145.

¹⁷ Sobre esse diálogo no *Panatenaico*, ver: BERTACHI, André. O *Panatenaico* de Isócrates e a crítica platônica à escrita no *Fedro*. **Codex – Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, 64-78, 2016. Principalmente as p. 66-71.

¹⁸ ISÓCRATES, *Antídosis*, 9-10.

¹⁹ Os textos citados são: *Panegírico*, 51-99; *Sobre a paz*, 25-56 e 113 até o fim; *A Níocles*, 14-39; *Contra os sofistas*, 14-18.

²⁰ ISÓCRATES, *Antídosis*, 53-56. Em 87-88, ainda, Isócrates afirma que recebeu muitos alunos e obteve fama com a divulgação dos seus textos.

relações com a sofística, sua reivindicação do termo *philosophía*, afloram, entre ambos, muitas diferenças. Eles eram, para Van Hook, rivais, e dedicavam os seus talentos para objetivos opostos: Isócrates, desenvolvendo uma retórica literária; Alcidas, uma oratória prática. Isócrates era um publicador e um escritor meticuloso, cujos discursos se produziam para serem lidos e não falados, em busca de alcançar com as suas composições textos de respeito e valor permanentes.

Alcidas, por outro lado, menosprezava os escritos, louvando os discursos improvisados para cultivar as habilidades e potencialidades peculiares da oralidade. Van Hook identifica nessa disputa profissional um completo desentendimento mútuo entre Isócrates e Alcidas, pois ambos eram excelentes em diferentes temas. Alcidas faz referência constante a tribunais e assembleias, a processos e questões particulares da vida cotidiana, em que falar de improviso é uma capacidade bastante distintiva. Ele tem, sempre, a audiência em mente. Todavia, Isócrates ambiciona elaborar textos para serem lidos, que constituam obras de valor duradouro, e sejam minuciosas e genuínas, não apenas para uma educação que forme oradores, mas líderes da opinião pública, uma elite intelectual e deliberativa. Enquanto isso, Alcidas tinha por ideal vencer nos processos e ganhar fama na eloquência improvisada, agradando os ouvidos, segundo Van Hook, de um auditório de gosto duvidoso.²¹

Para mim, mais interessante que julgar o gosto dos auditórios atenienses, é considerar que possa existir um grau de incomensurabilidade das propostas de Alcidas e Isócrates — ou um “desentendimento mútuo”, para Van Hook. Isócrates, logo nas primeiras linhas da *Antídosis*, equipara-se a um Fídias, Zêuxis ou Parrásio dos *lógoi*, sendo os seus escritos não algo sem cuidado, mas produto de uma arte elevada, que não elabora textos de caráter privado, mas acerca daquilo que é importante para a comunidade.²² Em outro momento, defende a sua prosa como algo não menor do que a poesia, e, mais uma vez, destaca que ela se refere à *pólis* e ao público que assiste a uma festa solene. Deste modo, Isócrates aproxima os seus escritos da elaboração poética e distancia-se da oralidade e do improviso caracterizados pela sua intrínseca relação imediata com o auditório ao qual o orador se dirige, típico do discurso alcidasiano.²³

²¹ VAN HOOK, La Rue. Alcidas versus Isocrates: the spoken versus the written Word. *The Classical Weekly*, v. 12, n. 12, 89-94, 1919.

²² ISÓCRATES, *Antídosis*, 1-3.

²³ ISÓCRATES, *Antídosis*, 45-47.

Há, ainda, outra relação, na *Antídotis*, entre os textos isocráticos e a poesia, quando nosso autor alega ter elogiado Atenas mais belamente que Píndaro, embora, enquanto este foi louvado, ele é acusado de corromper os jovens e causar malefícios à *pólis*.²⁴ Constitui-se, assim, com Isócrates, a ideia de uma prosa artística — que provavelmente tivera seu antepassado sofístico em Górgias —, refinada, acurada, que visa a temas políticos importantes para o momento e de interesse público. Há, também, um aprimoramento de uma noção de obra — claro, muito distinta da contemporânea —, evidenciada nas citações presentes na *Antídotis* a discursos passados, estabelecendo uma intertextualidade, e na ampla circulação desses escritos, formulando uma concepção de intelectual interessado na vida pública.

Alcidamente parece bem menos estimulado, em *Sobre aqueles que escrevem discursos ou sobre os sofistas*, por uma noção de obra como criação ou monumento para a posteridade e pela grandiosidade de temas expressa por Isócrates. Oferecendo aos seus alunos — ou futuros alunos, uma vez que o texto parece ter um forte caráter propagandístico — a habilidade de pensar rapidamente e com astúcia, sentindo as vicissitudes do momento, aponta que os discursos escritos, elaborados com cuidado quanto às palavras, parecidos com poemas e não com discursos, distanciam-se da espontaneidade e da plausibilidade, e geram desconfiança e antipatia nos ouvintes.²⁵ Quem quisesse, portanto, tornar-se um orador astuto e sagaz, e não apenas um hábil autor de discursos (*poiētēs lógōn hikanós*), deveria preferir aproveitar as circunstâncias — os *kairoí* — nas quais se discursa, e não desejar expressar um discurso com palavras acuradas.²⁶ Assim, anuncia a prioridade dada, em sua *paideía*, à oralidade e ao improviso.

Em *Painting or writing speeches? Plato, Alcidas, and Isocrates on logography*, Marie-Pierre Noël defende a hipótese de que Platão, no *Fedro*, e Alcidamante, em *Sobre aqueles que escrevem discursos ou sobre os sofistas*, reagem à proclamação do caráter artístico do discurso escrito por Isócrates. No entanto, as reações de ambos não seriam idênticas. A oposição a Isócrates apresentada por Alcidamante miraria a incapacidade de a escrita alcançar a função da oralidade em sua adaptação ao *kairós*; nesse caso, ao momento adequado. Não há, por parte de Alcidamante, qualquer referência a questões relativas à verdade ou às ideias;

²⁴ ISÓCRATES, *Antídotis*, 166.

²⁵ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 12.

²⁶ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 34.

importa aqui, apenas, a adaptação do *lógos* à audiência. No *Fedro*, o problema com a escrita seria outro, vinculando-se ao tema da representação a da relação do *lógos* com a verdade. Pois, em Isócrates, o *lógos* é um *eikōn* da vida e do pensamento do seu autor, surgindo como uma representação deste.²⁷ Para o texto platônico, de acordo com Noël, esse *lógos* resulta de uma ilusão que não reside no conhecimento do que pode ser imitado, mas, tal qual as pinturas e os poemas, produz simulacros. A questão do *Fedro* não seria, então, propriamente a escrita, mas a imitação das coisas.

Uma coincidência entre os textos de Platão e Alcidas, identificada por Noël como indicativa da polêmica lançada por ambos contra Isócrates, é o aparecimento de uma controvérsia em torno das artes figurativas e sobre a impossibilidade de as imagens e esculturas reproduzirem a alma, apesar de imitarem as formas das coisas.²⁸ A nova concepção de *lógos*, aventada por Isócrates como uma escrita artística sobre grandes temas, teria sido apresentada em um texto intitulado *Evágoras*, através de uma comparação entre o *lógos* escrito, a pintura e a escultura. Nela, é dito que as estátuas permanecem perto daqueles que as erigiram, mas os *lógoi* (escritos) são capazes de viajar por toda a Hélade e causar deleite ao aparecer nas conversas cotidianas das pessoas. Ninguém seria capaz de reproduzir, na essência de seu próprio corpo, as imagens vistas em pinturas e esculturas, mas o caráter e as decisões contidos nas narrativas dos textos são facilmente imitáveis.²⁹ Com isso, Isócrates demonstraria, segundo Noël, que o *lógos* (escrito) é capaz de rivalizar com as artes figurativas e lhes ser superior.

Se Isócrates louva a mobilidade dos textos escritos, ou seja, a facilidade de sua circulação, Alcidas também faz uso de uma analogia em relação às artes figurativas, porém, negativamente. Afirma que considera injusto chamar os escritos de *lógoi*, pois, na verdade, são imagens (*eídōla*), formas (*schēmata*) e imitações (*mimēmata*) de *lógoi*, tais quais as esculturas e estátuas o são de seres humanos reais, e as pinturas o são de animais reais, pois, embora essas imitações produzam prazer à vista, não tem utilidade para a vida. Apenas uma única forma e organização fixas aprisionam os escritos, e, quando são observados em livros,

²⁷ NOËL, Marie-Pierre. Painting or writing speeches? Plato, Alcidas, and Isocrates on logography. In: *New chapters in the history of rhetoric*. Editado por Laurent Pernot. Leiden: Brill, 2009. p. 103.

²⁸ NOËL, Marie-Pierre. Painting or writing speeches? Plato, Alcidas, and Isocrates on logography. In: *New chapters in the history of rhetoric*. Editado por Laurent Pernot. Leiden: Brill, 2009. p. 94.

²⁹ NOËL, Marie-Pierre. Painting or writing speeches? Plato, Alcidas, and Isocrates on logography. In: *New chapters in the history of rhetoric*. Editado por Laurent Pernot. Leiden: Brill, 2009. p. 98. Ver: ISÓCRATES, *Evágoras*, 73-74.

produzem determinadas impressões; todavia, não variam de acordo com as circunstâncias.³⁰ Comparando com os corpos reais, que tem um aspecto menos belo do que as estátuas, Alcídamente caracteriza o discurso improvisado como vivo e com capacidade de se adaptar aos acontecimentos — vivacidade que as imagens não possuem —, enquanto os escritos, por outro lado, possuem uma *phýsis* similar a uma imagem de um *lógos* (oral), e, deste modo, não possuem tal capacidade.³¹ Como bem aponta Noël, em Isócrates, contrariamente, as estátuas de corpos são belos memoriais; no entanto, imagens de feitos e de pensamentos nos textos são de muito maior valor. A comparação com as artes figurativas em Alcídamente faz com que a escrita se transforme em uma mera reprodução da oralidade e do discurso improvisado. Os textos escritos seriam, então, imitações e imagens de discursos, do mesmo modo que as estátuas de bronze, monumentos de pedra e pinturas de seres vivos não passam de imitações dos corpos vivos e reais. Mesmo que o escrito possa ser contemplado, ele é inútil se comparado ao improvisado e à oralidade. Contudo, para Isócrates, essa contemplação dos escritos é realizada através dos exemplos que as narrativas são capazes de suscitar no leitor — ou ouvinte — do texto. Se, em Alcídamente, a desvantagem da escrita é a sua imobilidade e a sua incapacidade de responder ao *kairós*, em Isócrates, sua vantagem é justamente a mobilidade — em oposição à imobilidade das estátuas.³² Surge claramente, aqui, uma dissonância entre as noções de mobilidade dos *lógoi* dos dois autores e, defendendo, entre as suas concepções do que é, em relação aos discursos, sejam orais ou escritos, o *kairós*.

O KAIRÓS EM ALCIDAMANTE E ISÓCRATES

Iniciei a sessão anterior deste artigo levantando a questão sobre se as tensões aparentes nos textos de Alcídamente e Isócrates tratavam, de fato, de um mesmo assunto, ou se as suas distintas abordagens da escrita e da oralidade se referiam a temáticas diversas e incomensuráveis. Escolhi, como caminho para a interpretação destes textos e desta querela entre a escrita e a oralidade, estudar as concepções do termo e da noção de tempo *kairós* nos dois autores, entendendo que, para eles, o *kairós* associado aos textos escritos e aos discursos orais

³⁰ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 27.

³¹ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 28.

³² NOËL, Marie-Pierre. Painting or writing speeches? Plato, Alcidas, and Isocrates on logography. In: *New chapters in the history of rhetoric*. Editado por Laurent Pernot. Leiden: Brill, 2009. p. 101.

é bastante diverso. Não busco, nessa interpretação, um sentido ou significação original do termo nos textos de Alcídamente e de Isócrates, nem mesmo penso que os seus usos desse termo são uniformes ao decorrer de suas obras e isentos de contradições. Também me abstenho de tentar reconstruir a possível querela e de encarar os textos como respostas de uns aos outros, investigando a sua sucessão cronológica e conceitual “tal como aconteceu”, mas me ateno, sobretudo, às suas diferenças na abordagem da questão, representando distintas posturas intelectuais, filosóficas e pedagógicas.

Maddalena Vallozza, em um artigo intitulado *Kairós nella teoria retorica di Alcídamente e di Isocrate, ovvero nell’oratoria orale e scritta*, se dispõe a realizar empreendimento semelhante, apontando para os distintos traços do *kairós* nos autores. Nota, como característica da oratória de Alcídamente, uma astuta adesão à circunstância ocasional em que o discurso há de ser proferido. Na escrita, o tempo de elaboração do texto é muito longo a respeito da ocasião — ou seja, do *kairós* —, fazendo com que ele “se atrase”, seja deixado para trás pela fugacidade das circunstâncias. Ocorre, aqui, um alargamento, um aumento da extensão dos *kairoí* por parte da escrita (*makrotérous poieítai tous chrónous tón kairón*),³³ que, em minha opinião, já indica uma ideia de que, relativamente à escrita, a acepção de *kairós* ou destoa daquela pertencente à oralidade, diante da qual seria ineficiente, ou pertence à outra dimensão de tempo. Os escritos, em Alcídamente, são imóveis diante das circunstâncias (*epí dé tón kairón akínētos ón*), sendo mais úteis a respeito dessas exigências a oralidade e o improvisado.³⁴ O improvisado, por sua vez, exigiria um acerto de acordo com o *kairós* dos acontecimentos (*tói kairói tón pragmatón*) e às ânsias e desejos do auditório (*tais epithymías tón anthrópōn*);³⁵ em outro momento, Alcídamente defende que aqueles que improvisam em seus discursos satisfazem os desejos dos ouvintes melhor do que aqueles que preparam os seus discursos de forma escrita *a priori*. Quem escreve, por elaborar os discursos muito antes dos debates — aqui, referindo-se às assembleias e aos tribunais —, se equivocam e perdem as situações e momentos adequados (*tón kairón amartánousin*).³⁶

A ênfase nos debates que ocorrem nas assembleias e nos tribunais também é evidente em outro momento do texto, em que o nosso autor exalta o improvisado como indispensável

³³ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 10.

³⁴ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 28.

³⁵ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 1-3.

³⁶ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 22.

nessas ocasiões, em que se apresentam, de modo imprevisível, momentos propícios (*kairoí*) para atuar.³⁷ Para Vallozza, com isso, Alcídamente usa o termo *kairós* vinculado a uma ideia de adaptação do *lógos* diante da percepção da disposição do auditório, como uma oportunidade objetiva, em um sentido bastante concreto e pragmático da situação em que se discursa, com um imediatismo inseparável da própria oralidade, tendo esta como característica principal a capacidade de elaborar um produto maleável diante das diversas ocasiões e das reações imprevisíveis do auditório.³⁸

Embora já tenhamos demonstrado a importância do texto escrito, a meticulosidade na exposição e o elogio de sua perenidade em Isócrates, por outro lado, na *Antídosis*, ele define o seu ensino como uma educação sobre os *lógoi* (*perí tén tón lógōn paideían*), e ressalta que não se deve chamar de *philosophía* uma atividade que, nas circunstâncias presentes (*en tói parónti*), não auxilie as pessoas a falar e a agir.³⁹ Há uma aparente tensão entre as concepções de *lógos* de Isócrates e de Alcídamente. Há, também, uma concepção distinta sobre o que são as circunstâncias presentes nas quais se deve utilizar a linguagem e como utilizá-la. Vallozza considera que Isócrates, geralmente, utiliza o termo *kairós* — em contraste à oportunidade objetiva de Alcídamente — em um sentido técnico, como uma oportunidade formal, uma adequada extensão do discurso e de suas partes, um critério temporal interno ao texto, escrito e destinado à leitura.⁴⁰

Para John Wilson, em *Kairos as “due measure”*, em Isócrates, nós encontramos um *kairós* literário, com um importante sentido ético e estético. Como na poesia pindárica, há uma razão para resumir e ser breve no *lógos*; contudo, essa razão pode ser artisticamente ignorada, por interesse de uma causa maior — o tema elevado e importante.⁴¹ Como no fim da *Antídosis*, em que Isócrates afirma que, apesar de aplaudir a *eukairía*, a proporção adequada e a justa medida do discurso, quando acreditamos que temos algo de importante a dizer, somos levados a incorrer no seu oposto, na desmedida, na *akairía*.⁴² Este critério de proporção adequada do

³⁷ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou Sobre os sofistas*, 9.

³⁸ VALLOZZA, Maddalena. *Kairós* nella teoria retorica di Alcídamente e di Isocrate, ovvero nell’oratoria orale e scritta. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica, New Series*, v. 21, n. 3, 119-123, 1985. p. 120.

³⁹ ISÓCRATES, *Antídosis*, 167-170.

⁴⁰ VALLOZZA, Maddalena. *Kairós* nella teoria retorica di Alcídamente e di Isocrate, ovvero nell’oratoria orale e scritta. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica, New Series*, v. 21, n. 3, 119-123, 1985. p. 122.

⁴¹ WILSON, John R. *Kairos as “due measure”*. *Glotta*, n. 58, v. 3/4, 177-204, 1980. p. 199.

⁴² ISÓCRATES, *Antídosis*, 311-317.

discurso, vinculada à oralidade e à disposição dos auditórios, é subvertido na escrita isocrática, que ambiciona o tema elevado e importante, de interesse público para a *pólis* ou para toda a Hélade, em que, por isso, a *akairía* é, ao mesmo tempo, justificada *pelo* tema e uma justificativa *para* o tema do *lógos*. Sobre Alcídamente, Wilson enfatiza o destaque dado à necessidade de se responder satisfatoriamente ao *kairós*, às circunstâncias nas quais o discurso é apresentado; para o improvisador, o *kairós* consiste em uma resposta sensitiva ao *kairós* das “sempre mutáveis circunstâncias exteriores” — embora essas “circunstâncias exteriores”, se é que assim podemos chamá-las, não pareçam ser a mesma coisa em Alcídamente e em Isócrates, pois, para Alcídamente, se refere ao auditório e à situação comunicativa, e, para Isócrates, ao contexto político mais amplo e de interesse público que motiva o texto e para o qual o texto é elaborado.

No *Panegírico*, Isócrates, ao discorrer sobre a natureza do *lógos* (e sobre o fato de os acontecimentos não serem expostos narrativamente de uma única forma), afirma que ele é dotado da capacidade de engrandecer as coisas pequenas e diminuir as grandiosas e de recontar as coisas antigas com novidade e as novas de uma forma antiga. Os acontecimentos do passado, prossegue, são uma herança comum a todos, e é próprio daqueles que são sensatos prover-lhes uma boa disposição através das palavras, refletir sobre a conveniência de cada um e utilizá-los *en kairói*.⁴³ O *kairós*, aqui, surge de forma bastante distinta do *kairós* que Alcídamente relaciona com os usos da linguagem pelo orador, vinculado às circunstâncias de enunciação e às ânsias e desejos particulares de determinado auditório. O texto do *Panegírico* apresenta um *kairós* que pode nos conduzir à interpretação de uma circunstância particular muito mais ampla — que, por não ser tão imediatista quanto a de Alcídamente, não apresentaria uma contradição com a escrita —, em que se formula determinada leitura dos acontecimentos de outrora de acordo com a situação, ocasião, contexto ou conjuntura presente. Esse *kairós* isocrático, com o peso de um contexto que torna particular a nossa perspectiva diante dos acontecimentos e que é capaz de deformar — e não há o que por ele não seja deformado — constantemente as nossas interpretações sobre o passado de acordo com os momentos da *pólis*, me parece em praticamente nada assemelhar-se às exigências do discurso improvisado alcídamentino. Se, por um lado, possa haver um embate entre dois intelectuais que conferem valores distintos à escrita

⁴³ ISÓCRATES, *Panegírico*, 7-9.

e ao improviso, assim como à sua importância na *paideía*, por outro lado, os *kairói* aos quais se referem Isócrates e Alcídamente parecem construir significados heterogêneos.

Outras aparições do termo *kairós*, em Isócrates, denotam uma aceção mais ampla do que a circunstância em que o orador improvisa o seu discurso em Alcídamente. No *Contra os sofistas*, Isócrates considera que os *lógoi*, para serem belos, devem participar (*metáschosin*) dos *kairoí*, pois o que fora dito outrora já não tem mais a mesma utilidade para quem o diz no presente.⁴⁴ Ainda em *Contra os sofistas*, sobre os procedimentos de composição dos discursos, sugere que, para cada caso, se escolham os argumentos, misture-os, ordene-os, e, por fim, não se erre a respeito das circunstâncias (*tôn kairôn mé diamarteín*).⁴⁵

Curiosamente, reforçando a hipótese de que entre Alcídamente e Isócrates há um descompasso ou uma dissonância na concepção de *kairós*, em *Sobre aqueles que escrevem discursos ou sobre os sofistas*, Alcídamente alerta que os escritores, por elaborar os discursos antes dos debates, às vezes erram ou perdem as ocasiões (*tôn kairôn amartánousin*), enquanto os improvisadores satisfazem os desejos dos ouvintes.⁴⁶ Perder o *kairós* — ou o *kairós* que se perde — tem sentidos diversos nos dois autores. Por exemplo, na *Antídosis*, entre as tarefas que competem aos estudantes da *philosophía*, Isócrates considera que devem tornar as suas opiniões — ou os seus conhecimentos, dado que as *dóxai* são os conhecimentos possíveis para Isócrates na política — o mais próximas possível dos *kairoí*.⁴⁷ No *Panatenaico*, Isócrates considera como bem educadas as pessoas que tenham um conhecimento — outra vez tomando *dóxa* por conhecimento — adequado das circunstâncias.⁴⁸ Portanto, várias divergências de termos e noções (como *lógos*, tempo presente, linguagem, *kairós*) tornam os textos de Alcídamente e Isócrates praticamente incomensuráveis, embora isso não exclua a possibilidade de que disputem uma prevalência de valor da escrita ou da oralidade na filosofia ou na retórica.

⁴⁴ ISÓCRATES, *Contra os sofistas*, 12-13.

⁴⁵ ISÓCRATES, *Contra os sofistas*, 16.

⁴⁶ ALCIDAMANTE, *Sobre aqueles que escrevem discursos ou sobre os sofistas*, 22.

⁴⁷ ISÓCRATES, *Antídosis*, 183-184.

⁴⁸ ISÓCRATES, *Panatenaico*, 30.

CONCLUSÃO

Se temos, em *Sobre aqueles que escrevem discursos ou sobre os sofistas*, a defesa realizada por Alcídamente de uma *paideia* dedicada a tornar os seus alunos hábeis nos discursos improvisados e maleáveis diante das situações colocadas pelo auditório, nos textos de Isócrates como um todo, são enfatizadas as habilidades deliberativas e de análise das conjunturas políticas como cruciais aos estudantes de *philosophía*. Essa, caracteriza-se pelo estudo dos “grandes temas” e dos “assuntos elevados”, ou seja, aqueles que são importantes para a *pólis* e para a Hélade em geral. A melhor forma de expressar as ideias acerca desses temas, para Isócrates, ao menos no que se refere às suas escolhas pessoais, é a escrita; uma escrita em prosa desenvolvida artisticamente por um autor hábil, assemelhando-se a grandes ícones das artes figurativas, como Fídias, Zêuxis e Parrásio. Essa prosa, correlata à poesia — que visava a ser tão louvada e admirada quanto ela —, necessitava de um profundo, lento e acurado trabalho intelectual.

Como esculpir palavras, além da analogia ao primor, Isócrates visava à perenidade do dito, para que se mantivesse a memória de si, de suas ideias e do seu caráter. Alcídamente considera dignos do nome *lógos* apenas os discursos que irrompem da oralidade, do improviso, da adaptação ao contexto imediato em que se enuncia e ao *páthos* do auditório. Para Isócrates, mais importante do que essa adaptabilidade do *lógos* para fins persuasivos, estava justamente a solidez do texto escrito e a sua capacidade de circular para que muitos possam lê-lo — já que a oralidade passa a dissipar-se no próprio momento em que acontece. Ambos os autores louvam a mobilidade do *lógos*; no entanto, as mobilidades às quais se referem são distintas. Alcídamente considera os textos escritos *akínētos*, ou seja, imóveis, enquanto Isócrates, em *Evágoras*, exalta a capacidade dos escritos serem amplamente móveis. Mas a escrita é imóvel, em Alcídamente, em relação às circunstâncias imediatas em que se discursa e que seriam mais bem aproveitadas pelo improviso, e, para Isócrates, é móvel porque escapa ao imediatismo fugaz do local em que é apresentado, podendo ser publicado e propagado. Para um, a mobilidade é a adequação do *lógos* (oral e improvisado), para o outro, a mobilidade é a circulação e divulgação do *lógos* (escrito).

Essa distância entre duas formas distintas de mobilidade descritas por Isócrates e Alcídamente indica, a meu ver, também duas concepções de *kairós* ao qual o *lógos* se vincula,

que sugerem significados bastante distintos e não intercambiáveis. O *kairós* dos improvisos de Alcidas é o próprio momento em que o improviso se desenvolve e os contextos particulares que o tornam único e conferem ao orador oportunidades de utilizar a linguagem para persuadir de acordo com a disposição do auditório. O *kairós* dos textos escritos de Isócrates, todavia, pelo próprio caráter da escrita, não pode ser tão imediato quanto o é em Alcidas — ou, segundo este, a escrita “aumenta” ou “alarga” o tempo dos *kairoí* em relação ao improviso. Em vez dessa relação com o momento instantâneo e com o auditório, o *kairós* dos escritos em Isócrates se apresenta como as circunstâncias políticas únicas com as quais o *lógos* deve dialogar, participar, e atuar, tendo o sentido de algo como uma conjuntura ou um estado das coisas. É o contexto próprio de cada caso, que faz com que os acontecimentos se desenrolem apenas uma vez da mesma forma, e que confere, aos acontecimentos futuros, a imprevisibilidade do que é particular e jamais se repetirá.

REFERÊNCIAS

ALCIDAMANTE. Acerca de los que elaboran discursos escritos o Acerca de los sofistas. Traduzido por Juan Gualberto López Alcalá. In: *Nova Tellvs*. Vol. 8, 243-263, 1990.

BERTACHI, André. O *Panatenáico* de Isócrates e a crítica platônica à escrita no *Fedro*. **Codex – Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, 64-78, 2016.

_____. *O Panegírico, de Isócrates*: tradução e comentário. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2014.

ISÓCRATES. *Discursos*. Traduzido por Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Editorial Gredos, 2002. 2v.

_____. *Discours*. Traduzido para o francês por Georges Mathieu e Émile Brémond. Paris: Les Belles Lettres, 1929. 4 v.

_____. *Isocrates*. Traduzido para o inglês por George Norlin. Londres: Willian Heinemann Ltd., 1980. 3 v.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *Contra os sofistas e Elogio de Helena de Isócrates*: tradução, notas e estudo introdutório. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2011.

NOËL, Marie-Pierre. Painting or writing speeches? Plato, Alcidamas, and Isocrates on logography. In: *New chapters in the history of rhetoric*. Editado por Laurent Pernot. Leiden: Brill, 2009.

REGO, Julio de Figueiredo Lopes. *Os discursos cipriotas: Para Demônico, Para Nícoles, Nícoles e Evágoras de Isócrates*, tradução, introdução e notas. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2010.

VALLOZZA, Maddalena. *Kairós* nella teoria retorica di Alcidamanti e di Isocrate, overo nell'oratoria orale e scritta. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica, New Series*, v. 21, n. 3, 119-123, 1985.

VAN HOOK, La Rue. Alcidamas versus Isocrates: the spoken versus the written Word. *The Classical Weekly*, v. 12, n. 12, 89-94, 1919.

WILSON, John R. *Kairos* as “due measure”. *Glotta*, n. 58, v. 3/4, 177-204, 1980.